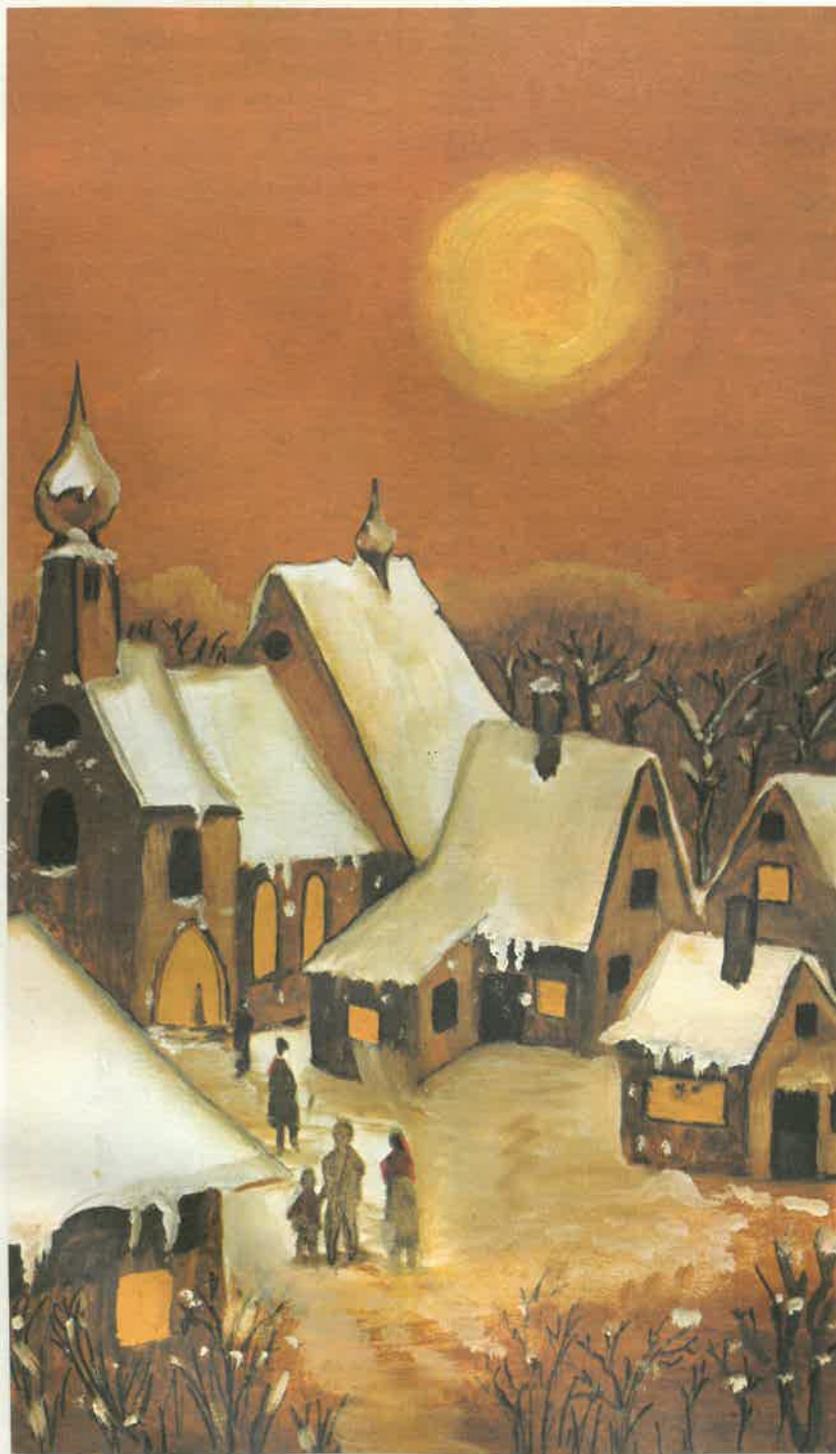


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

DEZEMBRO 1982



Tempo de Colheita

Pág. 4

Um Dom Envolto em Faixas

Pág. 5

A Seara é Grande

Pág. 7

Desafio

Pág. 8

A Família SABATE em Espanha

Pág. 9

Torna-te a pessoa que desejas ser

Pág. 15

«Numa noite como tantas»

Numa noite como tantas,
que no tempo tem havido
— noite cheia de estrelas —
de longe vem um burrinho,
nele, sentada, uma mulher,
com o marido a seu lado,
vem cansada, alquebrada,
de tão longa caminhada.
Às portas vão batendo,
para pedir pousada.
Todos têm a casa cheia!
Todos lhes dizem que não!
Mas, há alguém que lhes diz:
— vêde! além, naquele estábulo,
eu vos deixo ficar
p'ra poderdes descansar!
Noite alta, estrelada!
A mulher geme com dores,
dores de parto essas são;
uma criança a nascer!
com Ela, nasce a aurora,
aurora de um novo dia.
Os anjos cantam nos céus:
— Acordai vós, ó Pastores,
depressa, ide e louvai,
mas louvai com alegria,
ao Menino que nasceu,
duma mulher que era virgem
e se chama Maria.
Singela, como uma flor,
que ao mundo deu, em amor
o que no Céu era Rei
e na Terra Salvador
dum povo tão pecador.
Foi por isso que nasceu,
nesta terra de maldade
p'ra se fazer um conosco,
como Ele é no céu com o Pai.
Tudo isto aconteceu
quando o menino nasceu
numa noite como tantas
que no tempo tem havido.
Noite cheia de estrelas,
Noite Santa, de Natal

Carmen Sala
12/10/82

SUMÁRIO

- «Numa noite como tantas»
- Editorial
- Tempo de Colheita
- Um Dom Envolto em Faixas
- A Seara é Grande
- Desafio
- A Família SABATE em Espanha
- Presença invisível desde 1914
- Torna-te na pessoa que desejas ser
- Notícias do Campo
- A Mensagem Adventista no Mundo

Revista Adventista

Publicação mensal

DEZEMBRO DE 1982
ANO XLIII N.º 435

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 0844

2686 SACAÉM CODEX

Execução gráfica:

SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas
Vale Travelho — 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual 250\$00
Número Avulso 25\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Prezados irmãos,

Os pensamentos dos seres humanos durante o mês de Dezembro de cada ano são os mais díspares possíveis. Desde um sentimento de festa, de mesa melhor, de ambiente familiar, que por vezes durante o ano não é possível ter, até ao sentimento religioso com a certeza duma data que, como muitas outras, não tem base Escriturística.

Para nós, adventistas, é impossível mantermo-nos completamente alheados deste ambiente febril que caracteriza este mês. Embora a data nada importe, «Cristo deveria ser o objecto supremo; mas da maneira como o Natal tem sido observado, a glória que Lhe é devida tem incidido sobre o homem mortal, cujo carácter pecaminoso e deficiente tornou necessária a Sua vinda ao nosso mundo» (E. G. White). É nesta deturpação de valores que não devemos colaborar.

Por outro lado, não podemos alhear os nossos filhos do ambiente que rodeia as crianças nesta época. «Ele [o Natal] pode ser utilizado para muitos bons fins. Os jovens devem ser tratados com muito cuidado. Não devem ser deixados, no Natal, a procurar divertir-se somente, a buscar o prazer, em divertimentos que sejam prejudiciais à sua espiritualidade. Os pais podem controlar o assunto dirigindo a mente e as dádivas dos filhos para Deus e Sua causa, e a salvação de almas» (E. G. White).

«O seu desejo de dar presentes pode ser guiado para pessoas e santas direcções, fazendo com que se tornem em bem para nossos semelhantes pelo prover do tesouro da vasta, grandiosa obra pela qual Cristo veio ao mundo.» (E. G. White).

Se há realmente sentimentos que devem ser postos em relevo durante esta época creio que sejam a bondade, o amor e todas as melhores emoções do coração. Essas emoções auxiliarão a estender o espírito do Natal por toda a parte, durante todo o ano, e atingirão quer palácios ou cabanas, ricos ou pobres, jovens ou velhos. Todos os dias devem ser impregnados pelo espírito que muitas pessoas desejam somente usar no Natal.

Há muitas maneiras através das quais poderemos transmitir esse espírito. Pensemos naqueles que lutam para obter uma vida melhor e partilhemos com eles a bem-aventurada esperança do regresso de Jesus Cristo (João 14:1-3); pensemos nas crianças famintas, rotas, sem lar, e ouçamos o convite de Jesus «Deixai vir a Mim os pequeninos» (Mateus 19:14) e procedamos com elas de modo a ouvir um dia: «Aquilo que fizestes a um destes Meus pequeninos irmãos, a Mim o fizestes» (Mateus 25:40); pensemos nos idosos, sem família, sem conforto, por vezes sem lar, e lembremos o mandamento «Honra a teu pai e a tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dará» (Êxodo 20:12). Quantas coisas boas podem fazer transbordar o espírito de Natal para todos os dias da nossa existência! Que o espírito amorável de Jesus nos toque, nos impulse e nos faça conseguir realizar em cada momento da nossa vida, a Sua vontade! São os votos do vosso irmão em Cristo.

Joaquim A. Morgado

Tempo de Colheita

Baseando-me na premissa de Salomão — confirmada pelo tempo — de que há um tempo oportuno para todas as coisas, extraio a seguinte lição para nós hoje: Embora devamos semear sempre a semente do Evangelho, *agora* é o tempo da colheita!

Se estais em dia com as actividades da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sem dúvida estais a par do plano através do qual se solicita a toda a Igreja que participe nos Mil Dias de Colheita. Desde o início de 1982 temo-nos estado preparando para conseguir ganhar esse número de almas.

Concordámos em que o «tempo oportuno» para dar começo aos Mil Dias de Colheita seria o mês de Setembro. Cada um de nós é necessário e deveria estar empenhado neste plano. Como resultado do nosso esforço na evangelização pública e pessoal, e pedindo a bênção do Espírito Santo, adoptámos como motivo de oração ter uma média de *100 novas almas por dia durante mil dias*.

Lemos no livro de Oséas acerca do tempo quando o povo escolhido por Deus se encontrava comprometido com todo o tipo de idolatrias físicas e espirituais. Prometeram a Deus o que nunca procuraram cumprir. Tinham semeado perversidade e colheram pecado. Quando se encontravam em tão deplorável condição, o profeta dirigiu-lhes o seguinte apelo: «Semeai para vós em justiça, ceifai segundo a misericórdia; lavrai o campo de lavoura; porque é tempo de buscar ao Senhor até que venha e chova a justiça sobre vós» (Cap. 10:12). Quanto bem nos faria buscar ao Senhor no início destes Mil Dias de Colheita! É o «tempo oportuno» de pedir a prometida bênção da Chuva Serôdia.

Quando estive na Checoslováquia, há alguns meses, fiquei profundamente impressionado com a amabilidade do povo e com a atitude cordial das autoridades. Em Praga, a capital, há muitos lugares de beleza natural e muitos de importância e interesse cultural, religioso e histórico. Um lugar que para mim teve particular significado foi a Capela de Belém. Ali, por volta do ano 1402 d. C. João Hus pregou o Evangelho a um povo espiritualmente famin-

to. Toda a Boémia estava agitada e as ondas da Reforma começavam a fazer-se sentir em todo o continente europeu. Hus era de berço humilde e muito novo ficou órfão de pai. A sua mãe, mulher piedosa, inculcou nele os valores de um autêntico carácter cristão. Foi admitido na Universidade de Praga como aluno, por caridade, e em breve se distinguiu pela sua inteligência, pela sua vida irrepreensível e pela sua conduta amável e atraente.

Não muito depois de se ter formado foi nomeado professor na corte do rei. Numa idade notavelmente jovem foi elevado ao cargo de reitor da universidade em que se tinha formado. Na Capela de Belém pregou baseado nas Escrituras, em linguagem do povo. A despeito da oposição de Roma, corajosa e intrepidamente proclamou que o Deus que fala na Bíblia, e não a igreja que fala por meio do sacerdote, é o único guia infalível para o verdadeiro cristão. Exaltou Cristo acima da tradição da igreja, e sentiu um imenso fardo pela salvação das almas. Hus orou por uma igreja espiritual e por sacerdotes dignos de caminhar nas pegadas de Cristo. É difícil compreendê-lo, mas o reformador boémio foi acusado de heresia e finalmente foi queimado na fogueira em 6 de Julho de 1415. Tinha apenas 45 anos.

Quando silenciosamente, quase reverentemente, penetrei na Capela de Belém, utilizada por Hus para a oração e o estudo, disse: «Senhor, ajuda-me e ajuda o Teu povo hoje a dar-nos conta de que o reavivamento e a reforma são o resultado de buscar-Te através da oração intercessora juntamente com o estudo e a pregação da Bíblia». Esta é certamente a fórmula que todos devemos adoptar nestes Mil Dias de Colheita.

Tenho no meu escritório uma pequena esteira de junco. O seu valor monetário pode não ser elevado, mas o seu valor sentimental torna-a muito preciosa. Mede cerca de 0,90 por 1,80m. Não é perfeita. Tem um simples desenho negro sobre os juncos esverdeados. Provavelmente não ganharia nenhum prémio numa exposição de artesanato, mas tem um significado extraordinário para mim. Foi tecida por alguns dos nossos maravilhosos jovens de Uganda. Em Março passado, quando me encontrava em Nairobi, dois jovens viajaram uma grande distância, arriscando as suas vidas e enfretando uma quantidade de perigos, para me obsequiarem pessoalmente com esta esteira, como um presente de amor da nossa juventude do Uganda. Dou grande valor a esta esteira e a todo o sentimento que ela representa. Mas ela é mais do que uma oferta foi confeccionada para se tornar a minha esteira especial de oração! A nossa juventude pensou que durante os Mil Dias de Colheita precisaria de um lugar



NEAL C. WILSON

Presidente da
Conferência Geral

especial de oração, onde interceder diante de Deus e suplicar a Sua bênção. Estes jovens tiveram muitas vezes a oportunidade de descobrir o poder da oração e de testemunhar o poder salvador e libertador de Deus, tanto no físico como no espiritual. Creio que todos precisamos de uma «esteira»; um lugar especial e um tempo regular para orar e rogar ao Senhor graça e sabedoria para saber como alcançar os perdidos.

Ganhai novo ânimo com esta preciosa declaração: «Ao avizinhar-se o fim da ceifa na Terra, uma

especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do homem. Esse derramamento do espírito é comparado com a queda da chuva serôdia; e é por este poder adicional que os cristãos devem fazer as suas petições ao Senhor da Seara no tempo da chuva serôdia! ... A menos, porém, que os membros da igreja de Deus hoje estejam em viva associação com a fonte de todo o crescimento espiritual, não estarão prontos para o tempo da ceifa» *Actos dos Apóstolos*, pág. 55.

ARNALDO U. WALLENKAMPF

Um Dom Envolto em Faixas

Para Jesus, a primeira pessoa não era «eu» — era a pessoa que se encontrava em maior necessidade.

Um rapazinho, filho de missionários, tinha ficado nos Estados Unidos, onde frequentava um colégio. Na época do Natal o director da escola visitou o seu quarto e perguntou-lhe:

— Filho, o que gostarias mais de ter neste Natal?

O rapaz olhou para a fotografia do pai, que se encontrava na sua pequena secretária, e disse:

— Queria que o meu pai saísse daquela moldura!

Este menino, com as suas palavras, expressou a mesma espécie de esperança que Adão e Eva tinham quando foram levados para fora do seu lar edénico. Eles esperavam que o seu filho primogénito fosse o Redentor; mas ele não foi. Nos anos que se seguiram, geração após geração esperou pelo Messias. Finalmente Deus «saiu» da Eternidade. Veio como Emanuel, Deus conosco.

Pouco depois de Jesus ter nascido, o coro angélico cantou:

«Glória a Deus nas alturas!
Paz na Terra,
Boa vontade para com os homens»
(Lucas 2:14)

ARNALDO U. WALLENKAMPF

Director associado do Instituto de Pesquisas Bíblicas da Conferência Geral.

O cântico angélico rompeu em gloriosos acordes musicais que os portões do Céu não mais puderam conter. Era um cântico de alegria que a Terra já não ouvia desde que «as estrelas da alva juntas alegremente cantavam e todos os filhos de Deus rejubilavam» (Job 38:7). «Glória a Deus nas alturas», cantavam os anjos alegremente. A música celestial ecoou pelos montes e colinas ao celebrarem o maior dos dons de Deus. Uma manjedoura em Belém acolhera como berço Aquele que traria a paz à Terra e boa vontade entre os homens — se a humanidade respondesse ao Seu apelo de paz.

No dom de Jesus, Deus deu-nos tudo. Tudo o que o Céu possuía se encontrava naquele Infante que repousava na manjedoura de Belém. Para con-



ceder-nos o maior de todos os dons, Deus esvaziara o Céu e esgotara os recursos do Alto. Deus não podia dar nada de melhor. Não podia dar mais. Dera-
-Se a Si próprio!

Não havia egoísmo na dádiva de Jesus. Nós, humanos, podemos dar ocasionalmente dádivas pelo facto de sermos egoístas e orgulhosos. Os fariseus dos tempos antigos deixavam cair as suas resonantes moedas no tesouro do Templo para satisfazerem o seu orgulho, suscitando a admiração e louvor dos presentes. Há o perigo de vós e eu, às vezes, fazermos boas acções, darmos certas ofertas para sermos vistos e admirados pelos outros. Mas o dom de Deus naquele primeiro Natal não estava envolto em orgulho. Era um dom envolto em amor e renúncia total.



É-nos difícil compreender o que o dom de Deus do Natal custou realmente ao nosso Pai Celestial. Abrão compreendeu em parte esse custo quando esteve quase a oferecer Isaque no Monte de Moriá. Um pai e uma mãe, que durante uma guerra recente perderam o seu único filho no campo de batalha — um belo jovem, no qual haviam concentrado todas as suas esperanças e sem o qual a vida ficou vazia e sem significado — começaram a ter uma ideia do significado que o dom colocado na manjedoura de Belém tivera para Deus. Mas estes pais não enviaram voluntariamente o seu filho para a guerra, para que ele sofresse e finalmente morresse uma morte cruel nas florestas do Vietnam. Deixaram-no ir porque o seu país o exigia.

Porém, Deus deu voluntariamente o Seu grande e bom dom. «Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu o Seu Filho unigénito» (João 3:16). O dom apresentado ao mundo em Belém expressa, como nada mais o poderia fazer, o insondável amor de Deus para conosco. Impressionados por este

dom ímpar, a hoste angélica rompeu em exaltado louvor ao Criador.

O egoísmo danificara a perfeita criação de Deus. Lúcifer, o portador de luz e o filho da manhã, fora demasiado egoísta para dar o primeiro lugar ao Filho de Deus. Fora o egoísmo que fizera Eva mais preocupada em satisfazer o seu apetite do que em obedecer à vontade do Seu Criador. O egoísmo tornou Lúcifer e Eva mais desejosos de serem iguais a Deus em sabedoria do que em confiarem na Sua vontade. Foi o egoísmo que levou Adão a comer do fruto proibido, dado que não podia suportar o pensamento de perder o companheirismo de Eva. Porque a Sua visão estava obscurecida, ele não foi capaz de compreender que o Criador, que lhe dera Eva por companheira, poderia providenciar-lhe outra esposa se esta tivesse de ser apartada dele.

O egoísmo exigiu a vida de Jesus

O egoísmo sempre exigiu sacrifícios de vidas humanas. Foi o egoísmo nos corações humanos — no vosso e no meu — que exigiu a vida de Jesus!

O egoísmo levou Moisés, antes de se ter convertido, a fazer campanha por posição de dirigente em Israel. Com elevada opinião de si próprio, saiu do palácio de Faraó para promover a sua candidatura. Para conseguir esse objectivo, ele cometeu um assassinio. Quarenta anos mais tarde, quando Deus o chamou a dirigir, Moisés foi relutante em aceitar e teria preferido que essa responsabilidade fosse dada a outrem.

Foi o egoísmo por parte dos 12 apóstolos que os levou a fazerem campanha e a lutarem pela mais elevada posição no reino de Deus vindouro. Mas antes do derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes, eles foram libertos do egoísmo. Como resultado, deixou de haver campanha por posição ou por cargo no cenáculo.

Nunca houve e não há egoísmo em Jesus. Todas as vezes que penso no sacrifício de Jesus por nós, mais estranho ele me parece. Jesus fora no Céu o Comandante das hostes celestiais. Os anjos deleitavam-se em fazer a Sua vontade. Mas este Membro da Divindade, a quem os anjos adoravam, voluntariamente deixou a Sua glória. Renunciou à Sua exaltada posição, veio a esta terra, revestiu-Se de humanidade e tomou a forma de um servo (Filipenses 2:5-8). Como um homem, o filho de Deus era olhado como um ignorante; os homens cultos do Seu tempo riam e escarneciam d'Ele; Ele era injuriado como um criminoso básico; e finalmente, foi cruelmente crucificado na cruz do Calvário pelo Povo que Ele viera salvar.

Por que Se expôs Jesus assim voluntariamente quando sabia antes de vir a esta Terra que sofrimento e humilhação o plano da salvação lhe traria? Ele tomou a decisão de vir porque não havia n'Ele egoísmo, busca do eu — nada a não ser insondável amor pelos pecadores. Embora Jesus ocupasse

a mais elevada posição no universo, Ele não olhou para isso como algo que devesse ser agarrado e bem seguro. Pelo contrário, Ele deixou voluntariamente a Sua exaltada posição e desceu a esta Terra para que pudesse elevar-nos das profundezas do pecado e fazer-nos participantes da Sua glória.

Nesta época do Natal, ao nos lembrarmos novamente deste dom que veio envolto em faixas na manjedoura de Belém, precisamos perguntar-nos se já permitimos que Jesus nos libertasse do nosso egoísmo. Jesus veio para libertar-nos do egoísmo que busca o amor próprio, a satisfação do eu. As palavras da proclamação de emancipação estão contidas no Seu sermão em Nazaré. «O Espírito Santo é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos» (Lucas 4:18,19).

A quem damos *nós* presentes no Natal? Dá-los apenas àqueles de quem esperamos prendas em retribuição? O que damos por Jesus ou a Jesus no Natal? Que pensais de uma festa de aniversário em que todas as pessoas recebem presentes excepto a pessoa em honra de quem se faz a festa? Não fazemos *nós* isso muitas vezes com o Natal de Jesus?

Não é que nos esqueçamos da época tradicional do Seu nascimento — o Natal — mas às vezes, no meio das festividades da estação natalícia, parecemos esquecer a Pessoa em Quem todo o Natal se centraliza.

É tão-somente quando aceitamos plenamente o dom de Deus do Natal — quando pessoal e individualmente Lhe permitimos viver em nós — que o nosso egoísmo desaparece e que nós podemos ser

participantes da Sua natureza divina. Pedro assegurou-nos que através das «grandíssimas e preciosas promessas de Deus», nós seremos «participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que, pela concupiscência há no mundo» (II Pedro 1:4) Que maravilhosa certeza!

Em certo sentido todos nós aprendemos bem a gramática e é difícil esquecer que a primeira pessoa é «Eu». Mas para Jesus a primeira pessoa não era «Eu» — era a pessoa que estivesse em maior necessidade — éramos *nós*, pessoas caídas no pecado e irreparavelmente perdidas até que Ele nos salvou.

Às vezes há belos exemplo de abnegação nas famílias numerosas. Pais com muitos filhos parecem esquecer-se de si próprios. Estão sempre a pensar nos filhos. Pais e mães de tais famílias chegam a não ter um único pensamento sobre eles próprios. Se lhes perguntarmos o que precisam, eles responder-nos-ão que não precisam de nada. Mas estão bem conscientes dos desejos e necessidades dos filhos.

Nesta quadra do Natal, e nos dias que se seguem, o Cristo de Belém deseja que aprendamos a esquecer-nos de nós e a preocupar-nos antes com as necessidades dos outros. Deseja que aprendamos d'Ele e nos enchamos de boa-vontade para com aqueles em necessidade. Se tivermos boa vontade para com os outros, faremos tudo ao nosso alcance para levar a paz aos seus corações aflitos e perturbados, e isso ajudará a levar paz à terra.

«Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus» (Mateus 5:9).

Quando os anjos do Céu virem aqueles que dantes eram «filhos da ira» (Efésios 2:3) transformados em pacificadores, o seu glorioso Coro de Anjos encherá uma vez mais os céus do Natal.

B. PENE MABOTE

A Seara é Grande!



BERNARDINO PENE MABOTE

Presidente da Associação Norte das Igrejas Adventistas do 7.º Dia de Moçambique.

O Senhor Jesus fez uma advertência aos Seus discípulos, dizendo: «A SEARA É GRANDE, MAS OS TRABALHADORES SÃO POUCOS. ROGAI POIS AO SENHOR DA SEARA QUE MANDE TRABALHADORES PARA A SUA SEARA» (Luc. 10:2).

A Associação Norte das Igrejas Adventistas de Moçambique abrange quatro Províncias; as quais estão divididas em 15 áreas de Evangelização, com 40 Obreiros assalariados. Estes anunciam a Segunda Volta de Jesus e a Vida eterna. Mas, ao lançarmos os nossos olhos para esta associação, o que vemos? Sua vastidão, insuficiência em número de Obreiros, para anunciar a Vinda de Jesus a todos que habitam neste campo.

Há muita gente que ainda não conhece os Adventistas do Sétimo Dia. Outros, nunca ouviram falar da segunda volta de Jesus e da vida eterna.

Esta Associação tem actualmente 24.126 membros da Escola Sabatina e 16.357 membros baptizados.

Ao analisarmos o processo de marcha da obra a partir do seu início em 1934 até hoje, podemos ver que a Obra não tem um sentido acelerado; isso porque o Campo Norte é grande e com a dificuldade de transporte próprio e disponível às nossas mãos, sentimos a inércia bastante dominante.

Considerai a distância de 100 a 150 Km que é percorrida a pé, por homens que procuram cumprir a voz de comando: *Ide por todo o mundo.* (Mateus 28:19, 20).

Jesus disse: «Este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo e então virá o fim» (Mateus 24:14). Como se vê, muitas almas ainda não foram alcançadas. E o que devemos fazer? Há que trabalhar e orar a Deus; também não ponhamos de parte os nossos recursos, para que Deus aumente os Seus trabalhadores, o que levará a intensificar a marcha da Obra, para que a vinda do Senhor seja breve.

Apelo aos jovens, homens, mulheres adultos e crianças a sentir falta, como o Apóstolo Paulo sentiu, e disse: «Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes» (Romanos 1:14). Como tal, todos aqueles que receberam esta mensagem, são devedores àqueles que ainda não a conhecem. É claro que outros poderão

dizer que o evangelho está pregado em todo o mundo, pelo simples facto de não haver País onde a Bíblia não seja conhecida. Isso, não é suficientemente justificável para anular a ideia de que somos devedores.

As Sagradas Escrituras relatam a viagem de um homem que vinha de Jerusalém. «Eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Cándace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros, que viera adorar em Jerusalém...

Filipe, ouvindo-o ler o Profeta Isaías, perguntou: Compreendes o que vens lendo? Ele respondeu: Como poderei entender se alguém não me explicar? ... Peço-te que me expliques. Então Filipe explicou-lhe. Assim, o homem compreendeu e foi baptizado» (Actos 8:27-39).

Ter a Bíblia na mão, não significa conhecer acerca da volta de Jesus e da vida eterna. Há homens com Bíblias nas mãos sem nada compreenderem.

Irmão, qual é a tua decisão hoje? A Seara é grande. Entrega-te hoje mesmo ao serviço do Senhor. Jesus sacrificou-Se em favor do homem caído.

Homens, mulheres e jovens: Dedicai as vossas forças, o vosso tempo, os vossos donativos e orações em favor da obra do Senhor. Senti-vos culpados quando não explicais a Segunda Volta de Jesus e a vida eterna.

A SEARA É GRANDE! DAI TODOS OS Vossos RECURSOS PARA ABREVIAR A VOLTA DO SENHOR JESUS.

JOSÉ CARLOS COSTA

Desafio

Como sabem, a Conferência Geral propõe-se alcançar até 1985, pela direcção do Espírito Santo, **UM MILHÃO DE NOVOS CRENTES.**

A União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia aceitou o desafio, dos MIL DIAS DE COLHEITA, e propõe-se, pela graça de Deus, alcançar durante este período **DOIS MIL NOVOS CRENTES.**

Instamos a todas as Igrejas da União a demonstrarem interesse e uma participação sem precedentes neste maravilhoso projecto.

Apelamos a cada irmão e irmã a levar, durante este longo período, uma «só» alma aos Pés de Cristo.

Levemos a nossa preciosa mensagem aos habi-

tantes do território português, lembremo-nos de que somos junto dos seres humanos, representantes da parte de Deus: «Deus não escolhe como Seus representantes entre os homens anjos que jamais caíram, mas seres humanos, homens de paixões idênticas às daqueles a quem buscam salvar (...). E a homens e mulheres foi entregue a sagrada tarefa de tornar conhecidas «as riquezas incompreensíveis de Cristo.» (Efés. 3:8) *Actos dos Apóstolos*, p. 134.

Há cidades que não conhecem, há vilas que nunca ouviram, aldeias que não sabem, que Cristo em breve voltará.

Levemos, pelo poder do Espírito, a luz aos que estão em trevas. Juntemo-nos àqueles que já fizeram a decisão de levar uma alma a Jesus, durante este período dos Mil Dias de Colheita. Lembremo-nos de que somos os representantes de Deus, junto dos homens!



JOSÉ CARLOS COSTA

Departamental da Juventude e Actividades Leigas.

A Família SABATE em ESPANHA



O Dr. Ferran Sabaté, sua esposa e filho.

Ferran, conta-nos como se deu o sequestro.

Foi durante a noite de 10 de Junho deste Verão. Por volta da 1 hora da madrugada fomos despertados por fortes pancadas dadas numa das portas da nossa casa, enquanto gritavam com insistência: «Doutor, doutor, trazemos um doente grave». Isto já nos surpreendeu um pouco, porque habitualmente os enfermeiros do hospital, quando havia uma urgência durante a noite, vinham chamar-nos à janela do nosso quarto e as suas vozes eram-nos familiares, pelo que nós achámos estranho esta chamada de forma e maneira não usuais. Levantei-me, fui até à porta e através de uma janela olhei para o exterior. Era uma noite de lua cheia. Com surpresa vi que a casa estava rodeada de gente armada, pelo que compreendi que a chamada era de outra natureza.

Procurando ganhar tempo, indiquei-lhes que fossem ao hospital onde os enfermeiros lhes dariam os primeiros socorros e, no caso de ser necessário, eles próprios viriam chamar-me. Insistiram para que lhes abrisse a porta, pois queriam conversar comigo. Procurei argumentar com eles dizendo-lhes que àquelas horas da noite e num país que está em guerra a nossa conversa não parecia nada normal nem amigável. Que tínhamos o dia para poder conversar. Finalmente declararam-me que eram guerreiros da UNITA e compreendendo que a minha resistência poderia produzir algum tipo de violência, decidimos abrir a porta. Foi então que me disseram que traziam uma mensagem pessoal do presidente do movimento, o qual desejava entrevistar-se conosco e que, portanto, tínhamos que acompanhá-los numa breve viagem.

— Houve violência ou rudeza nalgum momento por parte deles?

— Não, violência não houve. Portaram-se sempre educadamente. Unicamente se notava que tinham pressa de partir, talvez para que não se produzisse um encontro fortuito com o exército ou a polícia, pelo que fomos um pouco empurrados. Mas não, não houve violências nem rudezas por parte deles.

— Ao ver que tínheis que acompanhá-los, inclusivamente com o bebé, que pensamentos vieram à vossa mente nesses momentos?

— Não sei. Pensámos em muitas coisas. Não sabíamos qual era a razão exacta deste sequestro, ou daquilo que parecia um sequestro. Pensámos que nos podiam matar... Que nos podiam fazer andar muito tempo, como de facto assim sucedeu. Que talvez nos quisessem tirar do país rapidamente. Tínhamos um sem-fim de hipóteses ou alternativas. Também pensámos que talvez quisessem que trabalhássemos para eles, ou que poderiam ter algum doente ou ferido grave que necessitavam que atendessemos, para em seguida voltarmos para casa. Não sei. Havia muitas possibilidades e não sabíamos exactamente qual delas seria a certa.

— Conchita, a mulher tem mais intuição do que o homem. Tu, como mãe, estou certo que pensaste rapidamente em fazer preparativos. Que pensaste levar contigo?

A primeira coisa que fiz foi apanhar algumas roupas para o bebé, e mantas. Como nessa altura o bebé era apenas alimentado ao peito, a comida para ele não me preocupou. Coloquei pois num saco o mais imprescindível. Agarrei também o cesto em que o meu filho estava a dormir nessa noite, o que foi uma grande bênção. Um dos guerrilheiros carregou-o à cabeça, de maneira que durante a viagem tive praticamente tudo o necessário para o menino.

— Que atitude tomaram os nossos irmãos, o pessoal do hospital, que certamente tomaram conhecimento do que se passava?

— Não tivemos ocasião de ver ninguém. Alguns estavam de serviço no hospital, e não chegámos a entrar. O único que vimos foi o director do seminário, um pastor angolano que estudou em Colonges.

As únicas palavras foram as que eu lhe disse: «Pastor, que Deus o abençoe no futuro e que lhe dê sabedoria para conduzir isto nas circunstâncias em que fica». Foram talvez as únicas palavras que trocámos. Ele disse-nos que tivéssemos bom ânimo. E foi tudo.



Respondendo às perguntas do pastor M. Martorell.

— **Conchita, diz-me: Que direcção tomaram nessa primeira noite, juntamente com os vossos raptadores? Foram a pé? Até onde, exactamente?**

— A nossa missão está praticamente numa zona do mato. Eram 2 horas da madrugada quando saímos e andámos até às 7 da manhã, até chegar a uma das suas bases, no alto de uma montanha, donde se domina o vale onde está implantada a missão e o hospital. Embora soubéssemos que os guerrilheiros da UNITA estavam nos arredores, nunca imaginei que tivessem uma base relativamente tão perto de nós. Essa foi pois a primeira etapa da primeira noite: 5 horas de marcha através do mato.

— **Ferran, qual o papel da tua fé, nesses momentos?**

— Nós sabíamos que tínhamos ido para esse hospital para ajudar o povo angolano. Não somente os nossos irmãos na fé, mas todas as pessoas que precisassem de nós; embora não pensássemos que pudéssemos estar expostos a este perigo. O nosso pensamento foi que, como sempre até esse momento, em todas as decisões da vida, Deus nos havia guiado, da mesma maneira, se Ele permitia esta circunstância, estávamos certos que providenciaria a solução adequada.

— **Sentiste-te só nesses momentos?**

— Não. Em todos os momentos estivemos conscientes que a comunhão espiritual de pensamentos e sentimentos com os nossos irmãos não estava quebrantada, embora fisicamente estivéssemos separados e isolados.

— **Depois dessa primeira paragem nessa base da UNITA, quando recomeçaram a marcha?**

— No dia seguinte, exactamente.

— **Sempre a pé?**

— Sim, sempre a pé. Uma média de dez horas de marcha por dia.

— **Calculaste, pelo tempo andado e a distância percorrida, os quilómetros feitos durante os cem dias que durou o vosso cativo?**

— Calculo que fizemos uns mil e cem quilómetros andando durante trinta e seis dias. Depois, em camiões militares, por pistas impraticáveis, o que não é melhor do que andar, fizemos também entre mil e mil e quinhentos quilómetros mais.

— **Por ter vivido em África sei muito bem o que representa a cor da pele em momentos de efervescência política. Dizei-me, que atitude despertava a vossa presença nas aldeias por onde passáveis? (É Conchita quem responde)**

— Muita admiração. Muita admiração!

— **Agressividade ou racismo nalgum momento? (É novamente Conchita quem responde)**

— Não, nunca. Neste sentido portaram-se todos muito bem. Muito educados e sempre com muita deferência para connosco. Tudo o que podiam fazer para ajudar-nos, faziam-no.

— **Revelaram-vos ou tivestes conhecimento nalguma ocasião do objectivo que pretendiam alcançar com o vosso rapto? (Fala Conchita)**

— Não. Nunca nos disseram nada a esse respeito.

— **Entre o grupo de guerrilheiros, havia alguém por quem chegaram a sentir mais simpatia?**

— Sim. Havia um que tinha sempre mais deferência para connosco.

— **Diz-se que um dos responsáveis da UNITA foi no passado aluno de uma das nossas escolas de Angola e guarda por isso um certo apreço à nossa obra. Sabes alguma coisa sobre o assunto?**

— Sim. Em quase todos os países africanos e especialmente em Angola, quase todos os líderes políticos, tanto de um partido como do outro, tiveram a sua educação primária e secundária nas escolas das missões, tanto adventistas como protestantes ou católicas. E parece que um dos responsáveis da UNITA estudou em escolas adventistas.

— **É de facto assim. Um alto dirigente da UNITA teve formação adventista e ao saber do vosso sequestro indignou-se vivamente, pois não tinha querido que vos raptassem a vós.**

— É possível. Mas como nós não tínhamos qualquer espécie de informação não podíamos sabê-lo.

— **Vamos ver, Conchita: Como resolveram o problema da alimentação ao longo dessas caminhadas pelo mato? Que comiam?**

— A base da alimentação foi sempre a farinha de milho. É a monocultura tradicional dos povos angolanos. Pisam-no em típicos pilões de madeira e com a farinha fazem uma espécie de papa espessa

à qual não põem sal. Às vezes, para o pequeno-almoço, tomávamo-lo com açúcar, (quando havia) e se não com mel, que certas ocasiões encontrávamos no caminho, pois em certas zonas recolhem mel queimando as colmeias silvestres.

Como disse, isto era a base da alimentação, mas às vezes encontrávamos batatas em algumas aldeias. O que nunca nos deram foi nem fruta, nem verduras, nem tomates. Nada disso, pois não os havia.

— Parece estranho não terem fruta. Conheço suficientemente a África tropical para saber que há muita abundância de fruta. Sobretudo papaia, que é muito comum em todos os lugares de África e em todas as épocas do ano. *(É Conchita quem responde)*

— Não. Por onde nós passávamos não havia.

— Nem ananases, abacates, mangas? Nada em absoluto?

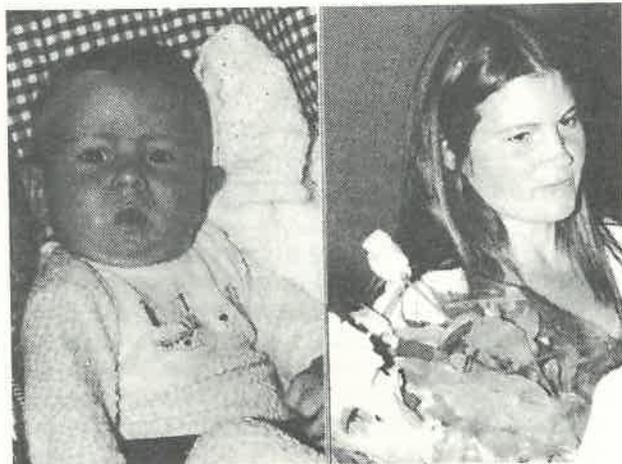
— De algumas frutas não era a época, pois ali era inverno. Nesse sentido não tivemos sorte.

— Diz-me, Conchita: Podiam cozinhar os alimentos que encontravam pelo caminho? Davam-vos tempo para prepará-los? Ou a situação era forçada?

— Durante a viagem havia uma cozinha organizada para nós. Um cozinheiro deles ocupava-se em recolher os alimentos pelas aldeias por onde passávamos, e em prepará-los. Às vezes ajudávamo-lo ou dizíamos-lhe que os queríamos desta ou daquela maneira. Mas eram sempre eles quem se ocupavam do assunto. Nós, não. Somente mais tarde, quando chegámos ao acampamento de prisioneiros, trinta e seis dias depois, então sim. Eles entregavam-nos os alimentos e nós cozinhá-vamos-los.

— Contem-nos algo do bebé. Como vos ocupastes dele quanto à alimentação? *(Responde Conchita)*

— Graças a Deus não tive problemas. Pude



O pequeno Ferran.
Conchita acaba de receber um ramo de flores das mãos da esposa do Pastor A. Bueno.

dar-lhe sempre de mamar e praticamente alimentei-o só com o peito. Durante os primeiros tempos não lhe dava a beber água porque esta não era potável. Às vezes era, outras não era, de modo que evitava dar-lhe de beber. Praticamente manteve-se todo esse tempo com o aleitamento. Um pouco depois, quando já tinha quatro meses e meio, pensámos que era bom dar-lhe mais algum complemento, mas como não havia frutas nem verduras decidimos dar-lhe papas de milho fervidas só com água, a que acrescentávamos açúcar ou mel.

— Vendo hoje o vosso pequeno Ferran — Elaboko, como lhe chamaram os angolanos e que significa esperança — cheio de saúde e belo, posso deduzir que não tiveram problemas com ele. Mas diz-me, Ferran, a zona que percorreram era sem dúvida um zona palúdica. Tiveram problemas com as febres?

— De facto era uma zona palúdica, mas não tivemos problemas. Eu levava comprimidos antipalúdicos e todas as semanas tomávamos a dose necessária.

— Ia precisamente perguntar-te se levavam convosco alguns medicamentos.

— Sim, levávamos alguns medicamentos para as coisas mais urgentes e foram-nos muito úteis. Especialmente os produtos para combater os problemas gastrintestinais tão frequentes ao mudar continuamente de águas e por não estarem estas em boas condições.

— Levavam algum filtro para a água?

— Tínhamos um em casa, que os guerrilheiros trouxeram na noite do sequestro, mas nunca no-lo deram.

— Uma pergunta que também nos interessa. Chegaste a actuar como médico para eles ou por onde passáveis?

— Nalgumas aldeias os chefes pediam-me que visse um ou outro problema que tinham, pelo que ainda dei algumas consultas, mas normalmente não me deixavam aproximar-me do povo. Eram unicamente alguns dirigentes que tinham interesse em aproximar-se de um médico ocidental.

— Tiveste que actuar como médico para os teus próprios raptos?

— Sim, nalguns casos durante a viagem e mesmo depois no acampamento tivemos que dar algum auxílio aos nossos próprios raptos.

— Dissestes-me que puderam trazer alguma roupa convosco. Tinham que transportar as vossas próprias bagagens?

— A coluna de marcha era formada por umas duzentas pessoas aproximadamente. Uma parte importante eram os guerrilheiros, que iam armados, e o outro grupo eram os portadores que transportavam a bagagem de todos: as malas, os sacos, a comida, etc.

— Estes portadores eram gente forçada a fazê-lo ou eram colaboradores da UNITA?

— São as pessoas jovens que não estão ainda em idade militar ou as mais velhas, que já passaram essa idade, que colaboram assim com o seu movimento.

— Do ponto de vista familiar, que mais te preocupava nesses momentos?

— O que mais me preocupava era a tristeza ou o desespero que por vezes acometia minha mulher quando ao chegar a noite, ainda tínhamos que continuar andando até de madrugada, sem nem sequer ver onde púnhamos os pés, tropeçando nas noites escuras, caindo ao chão, com um frio horrível que fazia, porque algumas vezes gelou, dado que eram os meses de inverno.

Outra preocupação era o aspecto higiénico. Muitas vezes não tínhamos quase água para poder lavar o bebé e as suas roupas, já que nesta idade um menino precisa de ser mudado duas ou três vezes ao dia.

— Mas graças a Deus, por fim deu-se a libertação. Quem foi a primeira pessoa que viste no momento da vossa libertação?

— Foi um pastor adventista da África do Sul, juntamente com o presidente da Cruz Vermelha Sul-Africana, que vieram buscar-nos.

— E a libertação chegou assim, sem nunca vos terem dito nada quanto aos motivos do sequestro, fazendo-vos andar simplesmente centenas e centenas de quilómetros?

— Não. Não andámos todo o tempo. Estivemos estacionados durante quase dois meses num campo de prisioneiros que fica já perto da fronteira com a Namíbia e somente três ou quatro dias antes nos anunciaram que nos iam libertar. Fizeram-nos viajar de camiãõ desde este campo de prisioneiros durante doze horas e chegámos às margens do rio Cubango que forma fronteira com a Namíbia e ali nos entregaram aos representantes da Cruz Vermelha e da Igreja Adventista. Aguardava-nos um helicóptero, que nos levou pouco depois a Pretória.



Um grupo de Adventistas oram com o Presidente, dando graças a Deus pela libertação da família Sabaté.

— Obrigado, Ferron e Conchita, pela vossa amabilidade em responderem-nos a todas essas perguntas. Quereis dizer algumas palavras finais para os membros da vossa igreja, dos quais um bom número vedes já aqui no aeroporto (Em Espanha)?

— Sim. Quero agradecer profundamente o interesse que tiveram para connosco, as orações e jejum que fizeram por nós. Quero dar testemunho uma vez mais de que a união na oração tem um grande poder e que Deus não nos abandona em nenhum momento se nós nos entregamos nas Suas mãos embora às vezes nos faça transitar por caminhos que talvez não compreendamos, mas que, finalmente, sempre é para nosso bem. Por isso creio que tanto nós como a família adventista podemos encontrar lições nestas circunstâncias que atravessámos.



Entrevistados pela Revista Adventista.

— Após a libertação tivestes a curiosidade de ver num mapa qual o trajecto que percorreram e quais os lugares por onde passaram?

— Até agora não tive ocasião de ver um mapa com suficientes pormenores para poder situar e seguir a distância percorrida.

— Por último, diz-nos algo sobre a despedida com os teus raptores. Foram amáveis. Qual foi a atitude deles ao separarem-se?

— Nos últimos dias eles procuraram deixar uma imagem positiva para que a nós, prisioneiros, nos ficasse uma boa recordação apesar das circunstâncias anteriores por que tínhamos passado. Digamos que se esforçaram por alegrar-nos esses últimos dias.

— Uma última pergunta para ti, Conchita. Sei que é muito delicada, mas não resisto a fazê-la. Guardas algum ressentimento?

— Contra os raptores? Bom, posso dizer que no caminho, quando numa certa ocasião nos fizeram andar todo o dia e toda a noite, num total de 25 horas, eles mentiam-nos dizendo que chegaríamos ao nosso destino antes da noite. Uma pessoa marchava com esta ideia, mas ao chegar a hora de ceiar, não tinha chegado a parte alguma. Nasceu a lua e contiávamos a andar. Perguntei-lhes: «Che-

gamos ou não chegamos? ... Porque estávamos muito cansados. Recordo que aquela noite fazia muito frio ... Eu caí num rio que não vi bem e fiquei com a roupa toda molhada, com o calçado molhado e tive que continuar a caminhar assim, porque eles não param e seguem, seguem. Era para eles uma zona de perigo. Por fim amanheceu e não tínhamos chegado a sítio nenhum. Continuavam a dizer que era já ali mesmo, mas nunca chegávamos. Eu estava muito cansada e muito nervosa e pus-me a protestar e a dizer: «Não sei porque fizeram vocês isto ... Como se atreveram a fazer uma coisa destas havendo um bebé?». Creio que foi o momento em que senti certo rancor contra eles. O resto da viagem foi mais ou menos bem.

— Ouvi testemunhos muito elogiosos sobre o vosso trabalho no Hospital do Bongo. Ouvi elogios da boca de um médico francês que vos visitou em Angola e ficou maravilhado, não somente com o vosso trabalho, mas também com a tua previsão para o futuro, preparando os enfermeiros africanos para que eles estejam à altura do seu trabalho. Este médico fez uma reunião pública em que toda a sua dissertação tratou do que vós estáveis fazendo em Angola.

Portanto, sabemos que deixaste marcas profundas da tua passagem por África, mas quero fazer-te uma pergunta muito delicada. Depois do que haveis vivido, pensas que o campo missionário pode ser ainda uma experiência para ti?

— Uma experiência em que sentido?

— Um nova experiência.

— Sim, creio que na vida cada dia é uma nova experiência. Se voltasse a pisar terras africanas ou de outro continente seria sem dúvida uma nova experiência. Esta pela qual passámos ensinou-nos muitas coisas. Eu, pelo menos, estou sempre aberto para aprender novas coisas no futuro.

Assim, com calma e com serenidade, se expressaram, dando testemunho da sua fé. Por eles orámos muito e o Senhor no-los devolveu sãos e salvos. Por isso não seria justo terminar esta reportagem sem recordar nestes momentos o movimento de fervor e interesse que eles despertaram na Espanha adventista, que não regateou meios para conseguir informação e facilitar a sua libertação. Múltiplos contactos a diversos níveis tiveram lugar ao longo deste tempo, dentro e fora da Espanha. O pastor Bastera movimentou-se insistentemente entre os meios de comunicação e mesmo no ministério dos Assuntos Exteriores, procurando que o Governo espanhol fizesse a sua parte. Provavelmente nunca conheceremos todos os pormenores, mas estamos certos e temos provas de que os cordões se mexeram também a essas alturas. Horas antes da libertação recebemos um telegrama do dito ministério

anunciando-nos que os bilhetes já tinham sido emitidos e que chegavam esta manhã.

O pastor Bueno contactou diversas vezes o Presidente da Cruz Vermelha Internacional, Sr Enrique de la Mata, cujo organismo fez brilhantes diligências a diversos níveis para conseguir a libertação.

A Divisão Euro-Africana e a própria Conferência-Geral entraram em contacto com os representantes da UNITA para diligenciar essa libertação.

Também a Espanha informativa teve a sua parte. Imprensa, Rádio e Televisão ocuparam-se amplamente do problema dos nossos irmãos, dando-lhe ressonância internacional. À sua chegada a Madrid, às 6.25 da manhã, jornalistas da agência EFE e representantes da Rádio Nacional estavam no aeroporto o Dr. Sabaté e família, para conseguir as primícias da sua libertação. À sua chegada à cidade a Televisão Espanhola esperava ao pé da escadaria o nosso irmão e doutor, cuja reportagem televisiva passou na cadeia nacional de televisão às 15,20 horas e de novo às 21,20. Todo um movimento, como nunca antes conhecêramos, em favor do irmão Sabaté e sua família.



As primeiras declarações depois de chegar a Espanha foram para a Rádio Nacional.

Mas tendo-os visto e ouvido estou convencido de que o merecem. Sim, vi Ferran Sabaté tranquilo, sereno, ponderado e cheio de equilíbrio. Com manifesta maturidade ele soube ajuizar com sensatez uma crítica situação já passada. Na sua alma não se guardam nem rancores nem vinganças. Por isso não posso deixar de dizer ao meu amigo: Felicito-te, Ferran! Homens como tu é do que precisa o nosso mundo, convulsionado por iras e rancores. Não temas o futuro. Eu sei bem que o não temes! Estás preparado e o mundo é teu. Com esse espírito que manifestaste triunfarás onde quer que vás. E com uma esposa tão animosa e valente como a Conchita, podes ir a qualquer lado, pois com ela a tua segurança aumenta. Por tudo isso quero dizer-vos que nos sentimos orgulhosos de vós. Que o Senhor continue a abençoar-vos e vos use onde Ele ache melhor! Estou certo de que nunca O desapontareis!

Manuel Martorell

Pastor Adventista em Espanha e antigo missionário.

Presença Invisível desde 1914

A Associação das «Testemunhas de Jeová» foi fundada por Charles Taze Russel. Em 1873 Russel descobriu a ideia de uma «Vinda invisível» de Cristo em 1874.

Esta data foi tida como certa e ensinada em seguida, pois o seu sucessor, J. F. Rutherford, escrevia em 1928:

«...a segunda vinda do Senhor começou em 1874.»⁽¹⁾

No entanto esta data foi abandonada. Presentemente as Testemunhas crêem que:

«...a vinda de Cristo no seu reino teve lugar em 1914, duma maneira invisível ao olho humano.»⁽²⁾

Em ambos os livros o próprio Rutherford se contradiz, além de ir contra as Escrituras, — Actos 1:9-11; Apoc. 1:7.

Mas o mais interessante é saber como eles chegam a esta data que lhes é tão peculiar! Estes crêem descobrir em *Dan. 4:16*, um período profético de 7 tempos, período equivalente a 2.520 anos. Tendo em conta que um dia profético equivale a um ano — Ezeq. 4:6, este período começaria em 607 antes da nossa era e terminaria em 1914!

Tudo isto seria muito bonito se não houvesse alguns contras, como por exemplo:

- a — Nada nos prova que os 7 tempos de *Dan. 4* sejam tempos proféticos como em *Dan. 7:25*
- b — O sonho do rei, explicado por Daniel (*Dan. 4:24-27*), não diz respeito ao futuro das nações — tema dos capítulos 2, 7, etc. — *mas à experiência de Nabucodonosor*. Pois para não haver confusões o profeta nos diz: «Todas estas coisas vieram sobre o rei Nabucodonosor.» *Dan. 4:28*.

Por outro lado colocam-se em contradição com a História. Pois assinala-se que o templo de Jerusalém, tal como pretendem as Testemunhas, não foi incendiado em 607 A.C. Além disto, ainda atingem o cúmulo, ao situarem o rei Zedequias a reinar nesta data, e tendo sido levado em cativeiro.⁽³⁾

Além destas afirmações, numa recente publicação das Testemunhas⁽⁴⁾, dizem que Nabucodonosor destruiu Jerusalém, e a terra de Judá foi completamente desolada, sendo calculada a data de 607 A.C. E para situarem o acontecimento mencionam 2 Cron. 36:19-21! Pois esta passagem dá-nos aconte-

cimentos relativos ao ano 587 A.C. e não a 607 A.C., como estes avançam gratuitamente!

Vejamos o que nos diz a Bíblia a este respeito:

1) Jeremias 25:1

Dá-nos a conhecer que o 3.º ou 4.º ano do rei Joaquim corresponde ao 1.º de Nabucodonosor, isto é, em 606/607. Data que qualquer manual de História ou Arqueologia confirmará.

2) Daniel 1:1

Perante o exposto, aqui Nabucodonosor cerca Jerusalém, e estamos no ano 607. **Nada de grave aconteceu**, simplesmente levou alguns reféns e utensílios do templo — vers. 2.

3) 2 Reis 24:12-17

No versículo 12 dá-nos a conhecer que empreende nova guerra contra Judá, sendo rei nesta altura Joaquim. Aqui, precisa o texto, que se trata do **Oitavo ano de Nabucodonosor**. Sendo assim, temos: $607 - 8 = 599$. Também aqui, nada de grave aconteceu, a não ser a prisão de Joaquim.

4) 2 Reis 25:13-17

Nabucodonosor desce a Jerusalém pela terceira vez, e **só agora**, para destruir o templo e a cidade e aprisionar o rei Zedequias, colocado a reinar por iniciativa de Nabucodonosor. O vers. 8 precisa-nos que tal facto aconteceu no décimo nono ano do reinado de Nabucodonosor, o que nos leva ao ano de 587. — $(607 - 19 = 587/8)$.

Logo, Zedequias reinou em 587 e não em 607! Assim Zedequias foi levado em cativeiro e o templo destruído em 587 e não em 607, o que contraria o cálculo dos Russelitas (pois estes podem ser tudo menos Testemunhas de Jeová, usando o nome de Deus em vão!).

O que começou em 607 foi o período dos 70 anos anunciado por Jeremias — Jer. 29:4, 10 — e que terminou em 537 com a queda de Babilónia por Ciro.

Em lado nenhum os Russelitas poderão provar que os acontecimentos simultâneos do cativeiro de Zedequias e destruição do templo tenham sido em 607 A.C.

Assim, não somente esta data 607 não é confirmada pela Bíblia, História ou Arqueologia, conforme acima exposto, como também o término dos pseudo 2.520 anos em 1914, como sendo a data para a vinda invisível, ou melhor, presença invisível de Jesus, o que contraria a própria declaração de Jesus — Mat. 24:36.

Pena é que os Russelitas usem a Bíblia para

uso corrente, tal como se poderá constatar na versão própria que estes fizeram da Bíblia à qual chamam Tradução do Novo Mundo, que vai ao encontro do que afirmam, o que é evidente!

Por outro lado, como prova de que Jesus ainda não veio, não só para os cristãos como para os Russelitas, membros da «Classe Celeste», participam ainda na santa ceia, e é de notar que Paulo diz — 1 Cor. 11:26: «...até que venha», sendo assim, *ainda não veio!*

Mas, antes de aceitarmos qualquer data, tenhamos sempre em mente o conselho do apóstolo Paulo — Actos 17:11 ...pois a palavra de Deus não pode mentir.

Referências:

- (1). Rutherford «Criação», pág. 304
- (2). Rutherford «Paraiso Recuperado», pág. 174
- (3). *Idem*, pág. 103, 174
- (4). «É esta vida tudo o que há», pág. 157

Página dos Jovens

Torna-te na pessoa que desejas ser

Vernon W. Becker

Há uma lenda acerca de um príncipe corcunda. À medida que se ia tornando homem, sentia muito a sua deformidade física. Certo dia disse a um habilitíssimo escultor que o servia: «Faça-me a estátua com as costas direitas, de maneira que eu me possa ver tal como eu poderia ter sido».

Quando a estátua ficou pronta, o príncipe disse: «Coloque-a num lugar escondido do jardim do palácio, onde eu possa ir muitas vezes contemplá-la». E, assim, mês após mês o príncipe ia ao jardim sozinho, e contemplava longamente a imagem do homem que ele poderia ter sido, e qualquer coisa parecia pôr-lhe o sangue a zumbir e o coração aos saltos. Com o decorrer do tempo, o povo começou a dizer: «As costas do príncipe parece que já não estão corcundas como eram». «O príncipe tem agora melhor aspecto do que antes».

Chegou, porém, um dia em que, indo o príncipe ao jardim como de costume, compreendeu de repente que as suas costas se haviam tornado tão direitas como as da estátua e, como a dela, era nobre a sua própria frente. Tornara-se o homem que ele anelava ser!

Paulo declarou com veemência: «Mas todos nós, com a cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor» II Cor. 3:18.

O fixar os olhos em Jesus Cristo, tornar-nos-á possível fazer-nos semelhantes a Ele. Esta mudança envolve inteira transformação. É tão real como a transformação de uma feia lagarta em bela borboleta.

Esboça para ti a pessoa que desejas ser. Mantém diante de ti esse retrato. Descobre as relações entre o que és e o que esperas tornar-te.

Quando Benjamim Franklin era jovem, escreveu uma lista dos treze factores do carácter, ou virtudes, que tinha como objectivo na vida. Num livro especialmente preparado para isso, ia registando diariamente o seu progresso. Pôs diante de si a pessoa que desejava ser.

A química realiza muitas maneiras de transformação. Coisa alguma parece menos promissora do que o alcatrão ordinário; entretanto, pode transformar-se numa coisa bela.

Alguém escreveu sobre um professor de química que observava, numa grande cidade americana, uma rua que estava sendo pavimentada. Bidões de alcatrão estavam enfileirados ao lado da rua. Evidenciava-se o desagradável cheiro de alcatrão aquecido. O químico viu o que a média das pessoas deixava de ver. E disse: «Mal se cuida em que esta rua está sendo pavimentada com as mais belas cores do Mundo, para não falar nos aromas apazíveis e nas drogas medicinais. Se aquele alcatrão fosse levado a um químico, ele seria capaz de extraviar-vos essa beleza».

Quando Pedro foi levado a Jesus por seu irmão André, o Mestre disse: «Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado de Cefas (que quer dizer Pedro)». S. João 1:42.

A média dos indivíduos não viu em Pedro o valor que foi instantaneamente visto por Jesus. As aparências indicavam não ser ele muito promissor. Seu temperamento levava-o de um a outro extremo.

Era como o pêndulo de um relógio, todo de um lado ou do outro. Todavia Pedro foi transformado em uma coluna da igreja. Seus traços tornaram-se fortes por Cristo. Jacob, o suplantador, tornou-se Isael, o príncipe que prevalece com Deus.

Saulo, o perseguidor dos cristãos, transformou-se em Paulo, o grande apóstolo dos gentios.

Maria, irmã de Lázaro, fora habitação de demônios e todavia sentou-se aos pés de Jesus e d'Ele aprendeu. «Foi Maria quem primeiro proclamou o Salvador ressuscitado». — *O Desejado de Todas as Nações*.

«Ele está efectuando tão surpreendentes transformações, que Satanás, com toda a sua vitoriosa jactância, com toda a sua confederação do mal unida contra Deus e as leis do Seu governo, fica a olhá-las como fortalezas inexpugnáveis a seus sofismas e enganos. Essas transformações são para ele incompreensível mistério». — *Testimonies to Ministers*, pág. 18.

Conta-se que um dia a rainha Vitória visitou uma fábrica de papel. O dono mostrou-lhe todo o trabalho e as dependências, ignorando aliás que ela fosse rainha. Entre outros lugares, levou-a ao compartimento dos trapos. Ao ver esses trapos sujos, imundos, ela exclamou: «Como se poderão eles tornar brancos?» Ao que o proprietário respondeu: «Ah, senhora, tenho um processo químico muito poderoso, pelo qual posso tirar a cor mesmo daque-

les trapos vermelhos». Antes de ela se retirar, ele veio a saber quem era a sua visitante.

Alguns dias mais tarde, a rainha encontrou na sua secretária uma porção do papel mais fino e belo que ela já vira. Em cada folha achavam-se as suas iniciais, bem como a sua efígie. Uma cartinha inclusa dizia: «Tenha a rainha a bondade de aceitar um espécime do meu papel, que lhe posso assegurar haver sido, cada folha do mesmo, fabricada com os sujos trapos que viu no quarto atrás. E creio que o resultado é de maneira a poder ser admirado pela própria rainha. Permitir-me-á também a rainha dizer-lhe que tenho tirado para mim mesmo muito bom serviço de minha fábrica? É-me possível compreender como o Senhor Jesus pode tomar o pobre pagão, e o mais vil entre os vis, e purificá-lo; e, como ainda que os seus pecados sejam como a escarlata, Ele os pode tornar brancos como a neve. Posso ver também como é possível colocar sobre eles o seu próprio nome; e da mesma maneira que esses trapos transformados podem entrar no palácio real e ser admirados, assim podem os pobres pecadores ser recebidos nas cortes do Grande Rei».

Há porventura em vossa vida alguma coisa que necessite de transformação? Reconheceis imperfeições que precisam de ser corrigidas? Estudando diariamente o carácter de Cristo, mantendo-o constantemente diante de nós como modelo, seremos transformados à Sua semelhança.

OFENSIVA DE ORAÇÃO

Proposta para Orações durante o 4.º Trimestre

DIVISÃO

1. Trabalho de Rádio nos Territórios da Divisão Euro-Africana
2. Pelos Cursos Bíblicos por Correspondência e seus alunos
3. Pelo estabelecimento duma estação de Rádio em Milão para a Europa e parte da África.

UNIÃO

1. MIL DIAS DE COLHEITA
2. Nova Escola de Lisboa
3. Centro Médico Adventista

VISITA DA IRMÃ MARIA AUGUSTA PIRES ÀS IGREJAS DO NORTE

No Sábado 24 de Setembro a Irmã Maria Augusta visitou algumas Igrejas onde foi recebida com bastante entusiasmo e sentida alegria.

Primeiramente visitou o Porto onde dirigiu algumas palavras no início da Escola Sabatina. Em seguida visitou o novo Templo de Avintes; depois a Igreja de Oliveira onde recordou a sua passagem

há muitos anos por estes lugares. Nessa manhã ainda corremos para Canelas onde o Pastor Mendes a apresentou à congregação. De tarde estivemos em Erme-sinde onde fomos recebidos pelo Irmão Jaime Branco e em seguida fomos para Matosinhos, onde a exemplo de todos os lugares anteriores um bom grupo de crentes nos aguardava.

A Irmã Maria Augusta dizia: «Difícilmente voltarei a passar um dia mais feliz».

A sua visita foi também uma inspiração para todos nós.

J. M. Matos

OLIVEIRA DE AZEMEIS

«Não podemos deixar de falar do que temos visto.» Assim falaram Pedro e João perante o sínédrio em Jerusalém. Isto eles disseram com alegria e ousadia, pois se tratava de defender o bom nome de Jesus e a Sua Fé.

Move-nos o mesmo sentimento, para tornar conhecido o bom nome dos nossos irmãos de O. de Azemeis que, tão ousadamente, anunciam essa mesma fé, quer na manutenção dos serviços da Igreja quer no anúncio da Palavra pelas casas, através de literatura, quer por um pleno desenvolvimento de paz e amor entre eles.

Louvado seja Deus. Pois hoje depois do regresso de minhas férias me senti muito feliz, por ver a nossa Igreja cheia de almas em adoração ao nosso Deus e ao Senhor Jesus.

O pastor não fez falta com a sua presença, o trabalho prosseguiu tal como se o pastor estivesse presente.

Louvado seja Deus.

Ditosa Igreja que tais irmãos tem.

Aqui fica expresso o meu testemunho e agradecimento aos excelentes oficiais da Igreja de O. de Azemeis.

O casal Diogo abraça-vos, e continua pedindo ao nosso Deus que vos inspire na continuação de tão óptimo trabalho para o desenvolvimento da fé nesta vila e arredores.

Que o Senhor faça frutificar o vosso esforço em almas ganhas, é, pois, a nossa constante oração.

Louvado seja Deus.

Adelino Nunes Diogo

NOTÍCIAS DO PICO

O Centro Evangélico no Cais do Pico está em vésperas de franca realidade.

Quando minha esposa e eu estávamos ainda em Angra do Heroísmo, senti forte impressão como de um divino chamado para reparar o prédio comprado na rua do Poço, com simultâneo aviso de possíveis obstruções no decorrer dos trabalhos, a fim de ajudar a União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia a cumprir a sua promessa na pessoa do ex-presidente da referida União, Pastor A. Casaca, se vendida a capela de St. António, ser substituída por uma sala de cultos embora inferior mas em melhor local.

No primeiro ano os trabalhos decorreram normalmente bem, até as condições atmosféricas eram favoráveis, mas finalmente as obstruções surgiram e eis-



Igreja de Oliveira do Douro — A irmã Maria Augusta junto do ancião da Igreja, ir. Abreu e do ir. Samuel Grave, director do Colégio do Norte



Igreja de Matosinhos — Notamos alguns irmãos e os pastores Mário Brito e Manuel Laranjeira.

-nos ainda a trabalhar nos acabamentos, quando tudo já devia estar em geral funcionamento.

Contudo há um caso que muito nos alega, pois antes desta obra chegar ao seu término, já uma jovem muito simpática decidiu colocar-se ao lado de Cristo, não só na parte passiva, senão na activa: Ela está a aprender música e já vai arranjando do órgão electrónico os sons de alguns hinos do hinário «Cantai ao Senhor».

João de Mendonça
Pastor da Igreja do Pico

MATRIMÓNIO NA IGREJA DA ILHA TERCEIRA

Realizou-se no Domingo, 8 de Agosto, às 18 horas, o enlace matrimonial de dois Jovens Adventistas Açoreanos. Ele, Lúcio Matos, ela, Odete Matos. A igreja de Angra, ainda em fase de reconstrução, estava repleta de irmãos na fé e convidados que para o acto tão solene nos visitavam. Houve música sacra como evocação à santidade do matrimónio que, segundo Jesus «De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus juntou não o separe o homem» (Mat. 19:6). Dentro deste espírito puramente cristão brilhavam os olhos dos nubentes quando à pergunta do Pastor oficiante, Pastor João de Mendonça (que se deslocou da Ilha do Pico expressamente para este acto) «Aceita Lúcio Matos como seu legítimo esposo...?» e vice-versa, a resposta era um SIM cheio de carinho e de amor como de dois filhos do Senhor. Que Deus os abençoe pela vida fora até à volta do Mestre, para que naquele dia estejam eles, o Lúcio e a Odete, de mãos dadas, olhando os céus e dizendo: «Este é o Senhor que aguardávamos...» Amém.

Carlos Baptista Ávila
Ancião da Igreja da Ilha Terceira

IGREJA DAS LAJES

Aqui Lajes, Terceira, Açores! Terramotos, ventos, chuvas... calculo que estão a ver a que zona do Planeta nos referimos. Sim, é verdade, estamos no Atlântico Norte e somos Açoreanos, como tal, Adventistas dos Açores. Maravilhoso é constatar que uma Mensagem tão importante, como é a da Igreja Adventista, não se deixa abalar pelos terramotos, ventos nem chuvas, sendo como prova disso a segunda Igreja Cristã na História desta Ilha Terceira a divulgar aqui a Mensagem de Jesus. Através dos séculos a Palavra tem sobrevivido a todos e a tudo. Olhando para trás (não como a mulher de Lot...) e assim criando mais forças para avançar, diremos: «Até aqui nos tem ajudado o Senhor.» Outro dia, ao sairmos da Igreja, o Carlos Alberto, olhando o

grupo de irmãos que iam a sair confidenciou-me: «Irmão, quem havia de dizer que após estes 5 anos teríamos um grupo assim tão bom?» Pois foi no dia 24 de Abril à tarde, pelas 16h00, que chegou à Igreja das Lajes o Pastor Santos vindo de Lisboa e que além de outras tarefas lhe estava incumbida esta em «especial», a de investir estes quase 20 juvenzinhos como Desbravadores. Foi um momento alto quando eles caminharam para a Bandeira dos MV, muito sérios e compenetrados, perante o Pastor Santos e em posição de respeito diante da Bandeira dos MV, com a mão sobre o peito e olhando para a Santa Bíblia, disseram em voz firme: «Pela Graça de Deus serei puro, bondoso e leal, guardarei a Lei dos MV e serei servo de Deus e amigo de todos.» Na história da Igreja da Ilha Terceira, é a primeira vez que tal acto se dá. A Igreja estava cheia, havia alegria entre todos, pois estes jovens são sangue novo na Igreja. Estamos felizes por mais uma jornada extremamente positiva do Movimento Adventista em Portugal, desta feita num dos seus extremos geográficos... os Açores, Ilha Terceira, Lajes. Mas que importa a distância, se somos poucos, mas estamos em quase todos os recantos do Mundo?

Maranata! Sim, Maranata!

A Igreja das Lajes sentiu um «impulso» desusado no mês de Maio. Não foi nenhum terramoto não... ou, até foi, em certo sentido... mas o melhor para que não fiquem preocupados é dizer que não foi mesmo terramoto. Foi isso si um REAVIVAMENTO ESPIRITUAL e quem nos sacudiu todos os Sábados e Domingos pelas 20h00 foi o Pastor Rogério que com a sua presença «física» e espiritual nos apresentou mensagens inspiradas cheias de graça e poder. Foi uma experiência interessante que culminou com a entrega de 3 almas que se baptizaram no presente mês. Todas as noites de Sábados e Domingos fomos também contemplados com projecção de slides e música sacra cantada ora por jovens ora por adultos. Desde o Órgão à flauta de Bixel passando pela Guitarra Clássica, as mensagens do Pastor Rogério pelo seu interesse, pois os temas eram aliciantes, ora pela arte privilegiada dos céus, a Música, todo este conjunto culminando com a festa das Mães, no último dia de conferências, é caso para dizermos que estamos todos de parabéns. Obrigado, ao Pastor Rogério, pelo seu interesse, pois sabemos dos imensos problemas que tem tido na reconstrução da Igreja de Angra. Assim tem Deus abençoado a sua Igreja; possamos nós corresponder não «enterando» o nosso «talento» mas procurando duplicá-lo em almas ganhas para Jesus.

Maranata!

C. B. Ávila
Ancião das Igrejas de Angra e das Lajes

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

LEONEL ÁVILA

Foi pelas 22h00 do dia 21 de Agosto p.p. que, no Hospital Regional da Ilha Terceira, faleceu o nosso querido irmão em Jesus, Leonel Ávila, causando certa surpresa a seus familiares e amigos. Este irmão, que contava a idade de 74 anos, era esposo da nossa irmã Rosa Ávila e pai da irmã Maria Mendonça, esposa do Pastor João de Mendonça. Deixou enlutados suas três filhas e um filho, assim como sua esposa e o Pastor Mendonça. O cortejo fúnebre saiu da casa mortuária do Hospital Regional de Angra do Heroísmo às 16h00 e foi oficiado pelo Ancião da Igreja, Carlos Ávila. Endereçamos aos familiares profundos sentimentos de condolências bem como uma afirmação de esperança na promessa do Senhor...«e a terra lançará de si os mortos...» Esta é uma afirmação que nos dá conforto e com a qual nos devemos alimentar espiritualmente até à volta do Mestre. Como-veu-nos e reconfortou-nos a afirmação da esposa do defunto, irmã Rosa Ávila, quando, beijando pela última vez nesta terra o esposo, dizia: «Adeus, querido! Até mais logo, na manhã da ressurreição...» Amém, que assim seja! ESTA É A NOSSA ESPERANÇA.

Carlos Baptista Ávila
Ancião da Igreja da Ilha Terceira

JÚLIO FERREIRA JÚNIOR

O telefone tocou. Eram 8h55. O descanço do irmão Júlio era um facto. O Senhor tinha-o chamado minutos antes.

Já há um bom par de anos que o leito o retinha, e, semana após semana foi carinhosamente por nós acompanhado na Escola Sabatina que fervorosamente estudava.

Espírito cansado por anos de labuta, conheceu as Boas-Novas no tempo ainda do Pastor Samuel Reis, mas, decidiu-se pela Verdade pela mão do Pastor Fernando Mendes, com baptismo realizado a 29 de Agosto de 1959. Por sinal ainda recentemente foi visitado por aquele que o ajudou a descer às águas baptismas!

Horas antes de adormecer no Senhor, cantou hinos de louvor acompanhado por amigos que por ele olhavam. O seu trimensário marcava o dia 8 de Julho de 1982 duma lição que já não chegaria a estudar.

Um grupo de crentes despediu-se dele no cemitério local de S. Joaquim com um «até breve».

Manuel Magalhães Batista Garrido
Pastor da Igreja de Ponta Delgada

A Mensagem Adventista no Mundo

AUXÍLIO PARA UM LAR DA TERCEIRA IDADE NA POLÓNIA

Em Fevereiro de 1982, foi-me pedido para acompanhar um carregamento de mobília, de Berlim, República Democrática Alemã, para um Lar de Pessoas Idosas em Bielsko-Biala, na Polónia.

Havia mais de um ano que os nossos irmãos adventistas da Polónia nos tinham pedido se os poderíamos ajudar a instalar e equipar esse Lar. E onde quer que fálássemos desse pedido, obtínhamos imediatamente um apoio e auxílio espontâneos.

O edifício do Lar recém-construído situa-se num local muito atractivo, perto da metrópole industrial de Bielsko-Biala, no sul da Polónia. Em anos anteriores o Seminário Polaco esteve estabelecido nesta mesma propriedade, mas mais tarde o edifício foi designado para servir de Lar aos membros idosos e construído de novo.

Sessenta residentes terão o privilégio de ali passar a última parte da sua existência.

Tivemos de usar dois grandes camiões para transportar 60 camas, 60 armários, 93 mesas, 200 cadeiras, dois grandes frigoríficos tipo industrial, cobertores, lençóis e muitas outras coisas necessárias para a cozinha e para a confortável instalação dos quartos. Quando calculámos o valor de todo esse carregamento chegámos ao total de 81.000 Marcos — Esc. 3.240.000\$00.

Graças à generosa permissão de exportação que nos foi concedida, não houve qualquer problema em atravessar a fronteira. Os destinatários polacos exprimiram a sua alegria e gratidão e pediram-me que fosse portador das suas saudações e agradecimentos.

G. Hampel,
Editor Adventista

A RÁDIO ADVENTISTA NO MUNDO

Estações Italianas FM com programas de qualidade

Não é fácil produzir programas atractivos de rádio numa estação FM pertença da igreja local, se não houver um obreiro de tempo integral no estúdio. Por isso a maior parte do tempo é preenchido com música gravada e de discos. No tempo restante, cerca de 1 a 3 horas de programa ao vivo, é feito exclusivamente por membros de igreja, que realizam um trabalho notável nas nossas 5 estações ita-

lianias. Outras denominações, os Valdeneses, e Baptistas, por exemplo, pediram-nos para transmitirem também os nossos programas! Na realidade, muitos destes programas ao vivo nunca foram gravados, devido à falta de dinheiro, até mesmo para fitas ou cassetes, e foram por isso perdidos. Mas o estúdio de Florença possui um catálogo de 350 cassetes, muitas de 90 minutos de programa. Qualquer pessoa as pode comprar por 2.000 liras cada. Elas contêm o conjunto das crenças adventistas, duma maneira atractiva.

Como uma Igreja se tornou o tópico da conversação da cidade

A Igreja de Conegliano, cidade italiana, há 20 anos que não fazia um único baptismo, apesar do trabalho porta a porta. Os membros foram-se reduzindo até chegarem a 12. A cidade é a sede do arcebispado norte italiano. Desde que a nossa igreja ali existe os padres a têm difamado, troçado e desprezado. Levaram-na também a ter de mudar de instalações diversas vezes.

Os membros ao saberem do efeito das estações de rádio Adventista já existentes noutras cidades da Itália (Roma, Gaeta, Florença, Bolonha), decidiram montar uma também na sua igreja. Como resultado os seus programas tornaram-se o tópico das conversações na cidade. E a música utilizada em supermercados e lojas.

Algumas pessoas que têm ouvido os programas deram os seguintes testemunhos:

«Desejo agradecer-vos pelo conforto que recebo diariamente pela vossa excelente rúbrica sobre a ressurreição, mas diga-me, por favor...» É curioso salientar o interesse para estudos Bíblicos. E «Tendes uma igreja na cidade? Onde fica ela? Desejo ver os vossos serviços!» — «Vejo que sois peritos na explicação da Bíblia. Por favor, transmitam mais frequentemente os vossos comentários escriturísticos!» Muitos comentários semelhantes poderiam ser acrescentados.

No Sábado, 29 de Agosto, a senhora que pedira o endereço da igreja visitou a igreja, atraída pela rádio. Uma semana mais tarde voltou, desta vez com uma Bíblia, envolvendo-se numa interessante conversação durante a Escola Sabatina. E outra semana mais tarde veio uma vez mais, trazendo um donativo substancial para a rádio local.

A igreja em Conegliano está feliz: Muitos dos vizinhos e amigos mudaram actualmente a sua atitude. Eles admitem: «Nós ouvimo-vos, apreciamos o vosso trabalho, gostaríamos de vos visitar, mas não o ousamos ainda, continuem, por favor!»

«A Rádio Salève nasceu»

Este foi o grande título que apareceu no jornal «Tribune de Genève» no dia 28 de Dezembro de 1981.

Este «nascimento» não foi um acontecimento natalício especial. Acontecera já várias semanas antes. O jornalista apenas escolheu este título cativante para um artigo de quarto de página.

A Rádio Salève é uma estação de rádio FM Adventista do Sétimo Dia localizada no nosso Seminário Francês de Collonges. Transmite em 102,7 Mhz com uma potência de 100 W, mas a recepção é possível até Lausanne, cidade Suíça na margem Norte do lago de Genebra, devido à elevada situação do nosso Seminário.

A Rádio Salève é um empreendimento conjunto de três igrejas: Collonges, Annemasse e Genebra. Devido ao facto destas igrejas pertencerem à França e à Suíça esta estação é um exemplo para a cooperação internacional da igreja através das barreiras de países e de uniões.

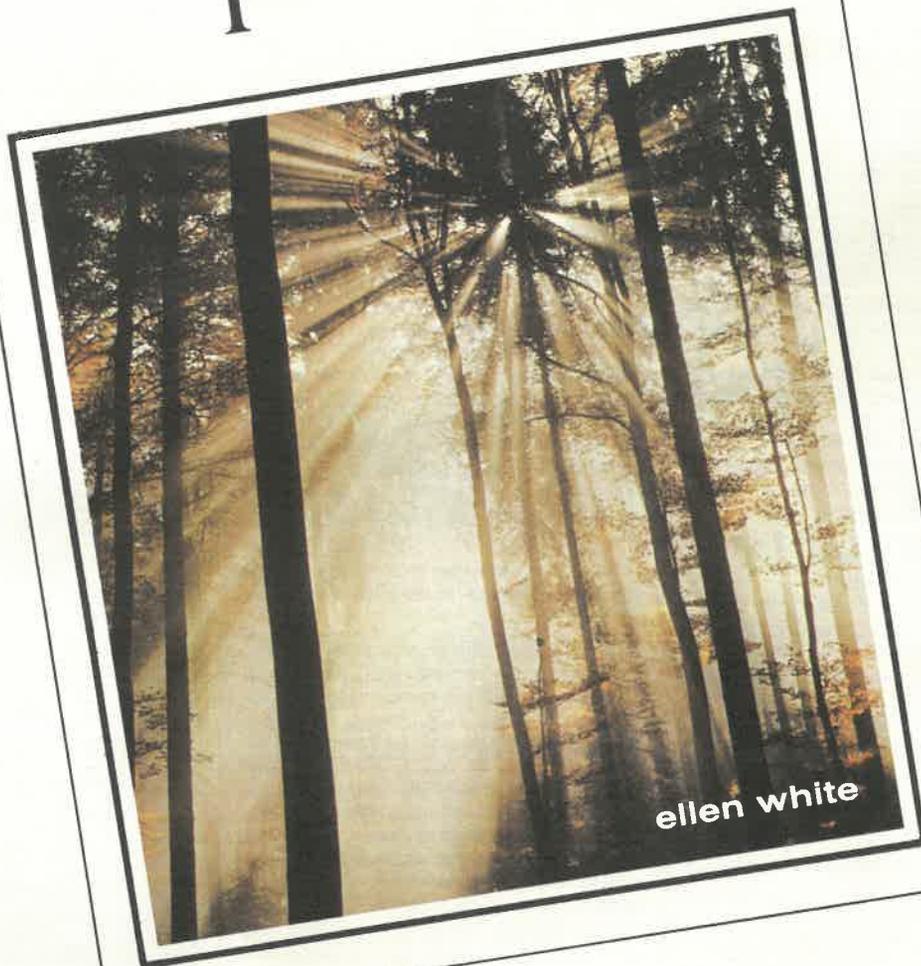
A estação serve não apenas cerca de 1,5 milhão de ouvintes potenciais, mas serve também para o treino de jovens estudantes ministeriais.



A PUBLICADORA ATLÂNTICO,
deseja ao prezado leitor,
e a todos os seus colaboradores,
um FELIZ NATAL e as maiores
bênçãos de Deus para o
NOVO ANO.

meditações matinais
1983

Olhando para o Alto



ellen white

Já o adquiriu?

Se não, peça-o já ao Secretário da Sociedade Missionária da sua Igreja ou à:

PUBLICADORA ATLÂNTICO, S.A.R.L.

Rua Salvador Allende, lote 18

2685 SACA VÉM CODEX